Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Alexandre José Silva

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual João Belarmino

Amparo/SP

2024

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:
O professor Alexandre José Silva é professor-pesquisador no Centro de Memória da Etec João Belarmino, em Amparo/SP, e participa de eventos promovidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP).

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: presencial, em duas etapas, a primeira, no Grande Hotel de Amparo, e a segunda, na residência do entrevistado

Datas das entrevistas: 27 e 29 de dezembro de 2024

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 53 minutos e 17 segundos

Número de vídeos: três

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 22

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, e que fará parte do segundo volume denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores ou professores-pesquisadores em centros de

memória. Essas duas entrevistas foram realizadas presencialmente, durante visita da entrevistadora a cidade de Amparo, entre 27 e 29 de dezembro de 2024. O vídeo dessas entrevistas será difundido dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico.

Transcrição da entrevista

Data das transcrições das entrevistas: por TurboScribe.ai, em 27 de dezembro de 2024, 43 kb, e, revista entre 2 e 10 de janeiro de 2025.

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno do colaborador: 23 de maio de 2025.

vídeo um: 12 minutos (na recepção do Grande Hotel Amparo)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, Alexandre José Silva. Hoje que é dia 27 de dezembro de 2024, eu agradeço muito, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, estar concedendo essa entrevista de História Oral de Vida dentro do programa “História Oral da Educação: memórias do trabalho docente”, para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Eu gostaria muito que você iniciasse, você que é professor-pesquisador no Centro de Memória da Etec João Belarmino, e é membro do GEPEMHEP, gostaria muito que você começasse contando sobre a sua história de vida, onde você estudou, se você nasceu aqui nessa cidade de Amparo, quem foram seus pais, como é que você chegou a professor da nossa escola, e o seu interesse por ingressar no nosso grupo, no GEPEMHEP.

Alexandre José Silva (AJS): É uma alegria falar desse grupo fantástico, especialmente com essa professora entusiasta que tanto trabalha e luta pela preservação da nossa história. Na verdade, a minha história é interessante, porque meu pai foi diretor de escola, e a minha mãe professora de Artes Manuais. Meu pai nasceu em Botelhos e minha mãe em Poços de Caldas, profissionalmente meu pai tornou-se Secretário e Diretor de Escola, atuando por mais de 10 anos em São Sebastião da Grama. Depois foi transferido para Quatá, Pedreira, e finalmente, em 1968, chegou à Amparo, para dirigir uma tradicional escola chamada Coriolano Burgos

(Escola Estadual Dr. Coriolano Burgos). E foi em Amparo, após 15 anos do nascimento do meu irmão mais velho e, 14 anos do outro que eu nasci aqui, com 4,250kg de parto normal, a água do rio Camanducaia foi muito boa.

MLMC: Em que dia foi, Alexandre?

AJS: No dia 23 de novembro de 1968. E a curiosidade é que, quando eu sai do hospital, meu pai me levou direto para a escola, para mostrar aos professores e funcionários antes mesmo de me levar para casa.

MLMC: E qual era o nome da escola?

AJS: Coriolano Burgos. E lá o bichinho da educação já penetrou em mim. E passei parte da minha primeira infância meio período em casa e meio na escola, sendo cuidado pelas merendeiras, serventes e, principalmente, pelas professoras. Então, esse caminhar e essa convivência com meu pai, bem mais velho do que eu, foi interessante. Porque ele não foi só meu pai, foi meu melhor amigo. Aos 14 eu ingressei na imprensa de Amparo, no meu primeiro emprego. Eu era auxiliar de reportagem no Jornal O Comércio. Era repórter. Tinha um gravador bem grande e cobria todos os acontecimentos. Era o jogo de futebol, e lá eu estava para a cobertura. Nos bailes e nas festas também estava presente. E nas ocorrências policiais eu entrava na viatura para fazer a cobertura. Nos casamentos também estava presente.

MLMC: Mas como você teve essa iniciativa?

AJS: Porque, na verdade, meu pai era muito ligado a todo mundo aqui. Meu pai era muito sociável. Ele conhecia todo mundo. Estava em todos os lugares. Depois ele se aposenta, quando eu tinha 14 anos. E ele ficava o dia inteiro na rua. Minha mãe só via ele no almoço e depois para jantar e dormir. Porque ele saia, como dizia o mineiro, para bater perna. Ele saia caminhando pela cidade, conhecia todo mundo. E, por conta disso, eu sempre junto a ele, acabei também gostando de estar no meio do povo, de conhecer todo mundo. E o pessoal do jornal falou: - se eu não queria ser repórter. Então, com 14 anos, a primeira reportagem minha foi com um ator chamado Luiz Carlos Arutim, que foi da Rede Globo. Daí apareci na capa do jornal. Naquela época, também, Galvão Bueno teve uma namorada aqui de Amparo. E eu fui entrevistar na casa da família dela, aqui em Amparo. Tem várias situações interessantes. E paralelo a isso, eu estudei numa escola chamada no Noedir Mazzini (Escola Estadual Noedir Mazzini) na época era a Escola do Bairro do Pinheirinho, que era uma escola de bairro. Diziam

a meu pai que eu teria que estudar numa escola do centro. Daí meu pai respondia que ao acreditar na educação eu poderia estudar em qualquer escola. Tem essa escola perto da minha casa. Então, eu ia para a escola e fui sempre aluno nota 10, até que eu descobri também que a minha primeira nota baixa foi de matemática. Eu tinha 12 anos e eu percebi que matemática, química, física, eu tirando nota 5, passando de ano, estava bom demais. E, na história, na língua portuguesa, na geografia, eu já tirava as notas maiores. Dando sequência à escola da educação básica, eu fui estudar em 1983 lá na escola que meu pai foi diretor, ele já não era mais diretor, ele já era aposentado. E durante os anos que lá estudei, eu fui presidente do Grêmio. Daí comemoramos os 50 anos da escola, fizemos uma programação intensa, criamos a logomarca da escola, plantamos árvores. Existiram eventos muito bonitos. Isso foi em 1984,85 e em 1986, quando a escola comemorou 50 anos. Terminei a escola e fui fazer Direito. Fui fazer Direito na Universidade São Francisco em Bragança Paulista.

MLMC: Quantos anos você tinha?

AJS: Eu tinha 18 anos. Fui fazer Direito lá, passei no vestibular. E era interessante que não era barato, era caro o ensino naquela época. E tinha um professor do ensino médio que vendia doce. Na verdade, o pai dele era de Rio Claro, tinha uma padaria. Ele passou no concurso e pegou a carga de aulas aqui na cidade de Amparo, tinha duas filhas e com apenas o salário do magistério ele não conseguia sustentar. Então ele comprou um forno, fazia doces e vendia para as padarias. Daí eu comecei a comprar os doces dele, queijadinha, cocada e cajuzinho e levava para vender na faculdade para ajudar a pagar a minha faculdade. Até o apelido meu naquela época da faculdade era muito gostoso: - era docinho. Melhor que salgadinho. Ah, o docinho chegou! E eu sei que, além de estudante de Direito, eu era vendedor de doces também. Naquele primeiro e segundo ano que eu fui de ônibus, todos os dias de Amparo a Bragança, de 50 quilômetros, viajava uma hora e em alguns sábados também.

AJS: Na faculdade eu fui do teatro e do Diretório Acadêmico, sempre envolvido com a escola, com a faculdade. Paralelo a isso, acho que eu devo voltar um pouquinho, quando eu tinha 16, 17 anos, eu participei do Movimento Estadual da Juventude em 1985, quando o então governador era o Montoro, sendo o Professor Chopin Tavares de Lima, Secretário do Interior, As cidades designavam jovens para participar desse movimento da redemocratização do Brasil. E eu fui convidado para representar Amparo e acabei sendo coordenador aqui da região de Bragança Paulista. O governo era dividido em escritórios regionais de governo, os ERGs. Foi o tempo das hortas comunitárias, padarias artesanais. Foi um movimento de

descentralização administrativa em que os municípios realmente eram descentralizados. E com esse movimento eu acabei fazendo parte da comitiva que levou a carta de jovens à nação brasileira para Ulisses Guimarães em 1987, em Brasília. Junto com Chopin e Montoro. Na época o chefe de gabinete do Chopin era o Arnaldo Jardim, que até hoje é deputado. Mas o que foi interessante desse movimento, que na verdade nós discutíamos em várias cidades do Estado, saúde, educação, meio ambiente, cultura, sobre uma visão muito interessante voltada à questão da democracia e a participação política. Então tive um aprendizado muito grande, também nessa época, que realmente eu devo ressaltar. Na faculdade de Direito eu segui, fui um bom aluno, fiz os quatro anos lá com aulas aos sábados, passei na OAB direitinho. Começando a advogar, eu vi que na verdade a faculdade de Direito tinha sido fantástica na minha vida. Graças ao Direito eu sou o que eu sou. Cheguei a realizar inúmeros projetos, mas eu descobri que eu não daria certo para ser advogado. Fui atuar na área de família e teve um casal muito amigo que queria se separar, a mulher brigou com o marido. Chegou para mim, na época, ela falou: - deve ser dez salários mínimos a causa. Ela tinha bastante bens em sua vida e então pegou um pacote de dinheiro, jogou em cima da mesa e falou: - faz minha separação. Eu conhecia os dois muito bem, peguei o pacote de dinheiro, coloquei novamente na bolsa dela e falei para ela, não vou fazer a separação agora não, vamos conversar primeiro. Conversei com ela, conversei com ele, conversei com ela, com ele, resultado, os dois estão juntos, casados até hoje e aqueles dez salários-mínimos ficaram na bolsa dela. Mas foi quando eu descobri que eu não servia para ser advogado porque eu ia ficar pobre como advogado, não ia ganhar dinheiro não. Então eu me afastei um pouco do judiciário, do meio jurídico, mas ao mesmo tempo, veja só, quando eu estava no segundo ano de Direito, eu, como repórter participava do ensino técnico e eu acompanhava os professores, durante as greves, na época de Sólon Borges dos Reis, na APEOESP, na Praça da República, subia no caminhão como repórter, batia foto, sem ter medo.

MLMC: Mas você estava em Amparo ou você também morou em São Paulo?

AJS: Em Amparo, mas a comitiva daqui ia para a manifestação e eu ia junto. Eu era o repórter lá no meio, eu conhecia todos os professores. Nessa época, eu já tinha um projeto de entrega de ovinhos de Páscoa para as crianças. Eu levava ovinhos de Páscoa para todas as crianças da escola. Desde os meus 14 anos, eu já fazia projetos sociais. E como era o repórter, conhecia todos os professores. E nessa época, eu acabei também me envolvendo muito com a educação. Então, quando eu estava no segundo ano de Direito, a Diretora do Liceu aqui de Amparo, no meio da rua passou, e falou: - Alexandre, está faltando professor lá e, naquela época, quem estava estudando, podia dar aula para quebrar o galho. Você não quer ir dar

aula lá de Direito? Você está aprendendo? Daí eu cheguei lá em abril de 1989 e fui dar aula de Direito.

MLMC: E quem era a diretora?

AJS: Hersília Cafellfi. E eu fui dar aula de Direito lá, três aulinhas de Direito. E ao mesmo tempo, eu acabei indo dar aula de História, também em uma outra escola, chamada Rangel Pestana, mas aí era quebra galho.

vídeo dois: 20 minutos e 39 segundos

AJS: Em abril de 1989, eu acabei, então, iniciando minha vida no magistério, quer seja na Etec João Belarmino e na Escola Rangel Pestana, dando aula em caráter excepcional de História. Era interessante que daí, eu acabei depois também sendo professor na escola Coriolano Burgos, e era o tapa-buraco e dava aula de tudo. Eu até brinco, porque o pessoal falava: - quem tem Direito? Eu levantava a mão, porque eu tinha Direito. Daí, dava aula de História, Física, Biologia, até de Educação Física. Mandava a molecada ficar correndo, jogava vôlei, porque eu gostava de jogar vôlei. Era muito ruim de bola, no esporte, mas eu brincava, sempre brinquei. Sempre era o último a ser escolhido. Mas, acabei dando aula até de Educação Física, quem diria, né? E acabei dando muitas aulas naquele período. E, paralelo a isso, eu também trabalhei na Prefeitura de Amparo, fui assessor de imprensa, secretário de administração, assessor de planejamento da Prefeitura de Coordenação Geral. Foi uma experiência muito legal.

MLMC: Isso foi em que período?

AJS: Em 1991, 92, 93, foi na Prefeitura. Eu tinha vinte e poucos anos. Com dezessete para dezoito anos, foi o meu único envolvimento direto, fiquei na condição de terceiro suplente, fui candidato a vereador na época. Tinha um fusquinha azul. E acabei, depois, trabalhando na imprensa, na Prefeitura. Acabei participando dos eventos sociais de Amparo, fui colunista social também. Então, participei do grupo de São Paulo, da Associação Brasileira de Colunistas Sociais, brasileiro e paulista - APACOS, com o grupo Ronaldo Cortes. E acabei participando de grandes eventos, conheci vários artistas, políticos. E, nessa época, participava de todos os congressos do município, desde a época do Montoro, passando por Alkimin, Serra, tantos nomes aí que a gente acabou conhecendo, figurinha carimbada. E, em

1993, eu criei aqui em Amparo, eu chamava de Espaço Cultural Arte e Companhia Ilimitada. E nós organizávamos aulas no balé, música, desfile de moda, e acabei também organizando concurso de Miss Amparo, Miss São Paulo, Miss Brasil, junto com um padre.

MLMC: Mas era uma ONG?

AJS: Na verdade, não. A gente organizava com um padre de Votuporanga, padre católico, que foi manequim da Ducal, aquela famosa ducal, que antigamente o pessoal mais velho vai saber o que era. E acabou virando padre, e acabou indo no Fantástico, no Jô Soares, ficou famoso esse padre, porque ele organizava os concursos de Miss, as Irmãs de Maria na Portaria, o Santíssimo ficava no bar, e toda a renda ia para uma instituição de caridade.

MLMC: Como era o nome do padre?

AJS: Silvio Roberto de Santos, de Votuporanga, e ele faleceu recentemente em São José do Rio Preto. E ele fazia os concursos com o lema “beleza com propósito”. E eu acabei organizando o concurso de Miss, tivemos no Metropolitan, no Rio de Janeiro, organizando o concurso de Mis Brasil junto com o conhecido ator Miele. Mas, daí também, o tempo passou, e duas coisas interessantes aconteceram. Eu criei uma empresa chamada “Vivendo e Aprendendo, Consultoria e Treinamento”, e na sequência, depois da faculdade, eu fiz o mestrado, aí eu fiz a faculdade de História, depois da faculdade de Direito, fiz a faculdade de História em Amparo, e Pedagogia. Passei no concurso da Etec, na comissão de Direito, depois passei no concurso da Faculdade de História, e acabei, em 1997, o meu irmão é engenheiro, ele participou do CREA, foi presidente da Associação de Engenheiros, e ele conhecia muito o Mendes Thame, que foi um grande político brasileiro, foi prefeito de Piracicaba, e passou a me conhecer também. Naquela época, também conheceu o Eduardo Coelho, que foi deputado federal, foi reitor da PUC, primeiro reitor leigo da PUC. E eles me conhecendo, e sabendo já que eu era professor lá na Etec de Amparo, me apresentaram para o, então, superintendente Marcos Monteiro.

AJS: E o professor Marcos Monteiro me chamou para trabalhar lá como, assistente de direção, junto à superintendência do Centro Paula Souza. E, justamente, na época, a chefe de gabinete era a professora Laura Laganá, e o coordenador de ensino técnico, da Cetec, era o professor Almério Melquíades de Araújo.

MLMC: Isso foi em que ano?

AJS: Isso foi em 1997. Daí, não só nasceu uma amizade profissional, mas uma amizade pessoal, tanto com a Laura, a professora Laura, quanto com o professor Almério, e criamos um projeto lá, "Escola e Comunidade, Caminhos para a Participação". Tinha a professora Sônia Lima, que coordenava junto comigo, e criamos o INTERETES, "Educação através da Integração", que não era com jogos competitivos, mas sim jogos cooperativos, e realizamos mais de 30 encontros, no Estado inteiro, reunindo todas as Etecs na época de eram 99. Eram 14, depois passaram 99, em 1994. Daí, o Centro Paula Souza ganhou, passou a ser grandiosa a instituição. E nós começamos a reunir todas as Etecs durante um final de semana, em várias cidades, mais de 30 encontros. Era sexta, sábado e domingo. Sexta era a chegada, eram apresentações artísticas. Sábado tinha os jogos, e tinha também discussões, sugestões, criando sugestões para a melhoria do ensino técnico. E domingo era a finalização.

AJS: Reunimos em média 300 participantes, teve encontros com 400 alunos.

MLMC: Agora, esse projeto foi criado dentro do gabinete já com essa intenção de integração, já que eles vieram de uma outra secretaria?

AJS: Nós apresentamos para a Coordenadoria de Ensino Técnico, para o professor Almério da Cetec, e, em paralelo a isso, eu estava trabalhando com a professora Laura. Além de trabalhar nessa área de integração, eu fazia meio de campo na criação de novas Etecs e salas descentralizadas. Daí eu visitava prefeitos e criava as parcerias, levava os prefeitos para a professora Laura, que depois assumiu, sucedendo, o professor Marcos. E lá eu fiquei de 97 até 2015, 2014. Preciso só lembrar essa data aí. Diretamente ligado a esses dois segmentos, tanto na superintendência quanto lá na coordenadoria de ensino técnico.

MLMC: Mas você trabalhava a semana toda?

AJS: Na verdade, eu fiz... Na época dos INTERETES, às vezes, mais do que a semana toda. Eu, em São Paulo estava lá duas vezes por semana, principalmente quarta, quando tinha uma reunião geral com o Almério, e viajava de ônibus. Chegava em Adamantina, quatro horas da manhã, a professora Tamiko ia me buscar, levava para a casa dela, ia lá para Jacareí, conhecia também a nossa amiga Júlia. Então, foi assim... E foi muito marcante aquele período, sabe? Era uma média de 300, 200 alunos. Ficava doido lá, sexta-noite, sábado e domingo, lidando com toda aquela molecada lá. Mas, olha, graças a Deus, não tivemos nenhum incidente, nem acidente. Foi um período marcante, tá? E viajava direto.

MLMC: E por que esse projeto deixou de existir, que era tão interessante?

AJS: Então, tudo tem o seu tempo, né? Daí, depois, começaram... ampliou as Fatecs, voltou a ser somente a parte esportiva. E, também, eu com a minha empresa, eu não tinha como ficar daquela forma que eu estava no Centro Paula Souza. Porque eu comecei a percorrer mais de 100 cidades do Estado com a empresa, dando cursos na área de integração e motivação dos servidores públicos. Eu criei um *workshop* chamado "Liderança, Motivação e Felicidade no Ambiente de Trabalho". Então, durante quatro horas, eu fico com os funcionários e uso programação neurolinguística, andragogia, neurociências, promovendo reflexões sobre a convivência profissional. E deu muito certo. Eu acabei percorrendo mais de 100 cidades, em 10 estados. Fui à Campo Grande, fui em Belo Horizonte, fui em Porto Alegre, várias cidades, e um ia falando para o outro. E até hoje, de uma forma ainda, eu estou resgatando, porque com a pandemia não tinha como. Porque a minha tese de mestrado, que eu fiz em 2005, 2006, nos Estados Unidos, na Florida Christian University, na Faculdade situada em Orlando, e o tema foi o "Lúdico como instrumento de motivação e desenvolvimento das organizações". Vivi em função do livro que em 2002 eu tinha lançado, chamado "Vivendo e Aprendendo". Então eu materializei as minhas vivências na minha tese de mestrado, que foi aprovada por unanimidade. E foi uma época áurea. Daí teve a pandemia. Com a pandemia eu tive que pegar 500 aulas, (rs) porque não tinha o que fazer dentro de casa. E no Lúdico, como que eu iria dar uma palestra e falar de lúdico se não tem como tocar, abraçar? Que faz parte dos capítulos do meu livro. A importância do tocar, do abraçar, do brincar, do se relacionar. Desse olhar para os olhos do outro. Em contraposição à minha preocupação atual com essa questão da tecnologia. Porque o Alvin Toffler, quando ele disse no livro "A Terceira Onda" que o analfabeto do novo milênio, é quem não tiver capacidade de aprender, desaprender e reaprender. Mas dentro desse reaprender, a gente luta contra outra questão que ele também falou: que as tecnologias não chegariam sozinhas, elas viriam com mudanças. Grandes mudanças impactantes em todos os sentidos. E hoje eu me preocupo com essa substituição do olhar, do sentir, do pegar, pelo virtual. Porque é provável, acho que conversar com 50 pessoas no virtual não substitui esse contato nosso. Mas enfim, e aí, finalizando, dentro da questão da academia, dentro da questão da escola, eu sempre gostei da História. Desde moleque eu frequentava o museu. Hoje eu não leio como eu li. Preciso aprender a ler mais um pouco. Mas eu li bastante. E eu sempre gostei dessa questão do passado. Meu pai também guardava muita coisa. Eu tenho as fotos, os documentos do meu pai, da minha mãe, dos meus avós. Eu tenho tudo em casa guardado. Eu até quero que vire um livro. Isso daí já está caminhando. A origem da cidade Botelhos, da cidade Poços de Caldas. Meus tios e avós todos têm nome lá de rua em Poços de Caldas, fundador de

Botelhos. Tem muita história lá em Minas também, que eu já fui lá e estou mexendo os pauzinhos lá. Estou me apropriando e quero criar um material para preservar a história também da minha família, tanto em Poços de Caldas quanto em Botelhos.

AJS: E aí que veio a questão da escola. Que eu vi toda aquela história da primeira escola técnica do interior do estado de São Paulo, de estudar os grandes nomes de Amparo. Amparo foi uma das cidades mais importantes de São Paulo no final do século XIX, início do século XX, teve o tempo do apogeu por causa do café, a política café com leite. Tivemos três governadores que saíram daqui, e presidentes do STF, deputados, senadores. Enfim, a cidade de Amparo chegou a ser praticamente maior que Campinas em 1890.

MLMC: Inclusive o Carlos de Campos é daqui, né?

AJS: Carlos de Campos, filho de Bernardino de Campos.

MLMC: Que é patrono da escola a qual pertenço.

AJS: O Bernardino de Campos nasceu em Pouso Alegre, mas ele viveu a maior parte da vida em Amparo. Foi presidente da Câmara, foi governador. E teve 16 filhos, sendo que 13 deles nasceram aqui em Amparo, sendo um deles o Carlos de Campos. Quando eu falo nasceram, alguns, o Carlos de Campos nasceu em Campinas. Mas é porque o hospital, na época, eles levavam para Campinas, São Paulo. Mas podemos dizer que são amparenses sim. Então, aí eu passei a me apropriar dessa história da escola. E encontrei isso em 2024, através dessa aproximação com o Centro de Memória do Centro Paula Souza, esse grupo tão fantástico. A possibilidade de desenvolver um projeto para resgatar a nossa história e se aprofundar. E foi aí muito interessante, porque até então o João Belarmino tinha só 3 filhos. E eu descobri que ele tinha 11. E isso foi uma descoberta inédita. Não existia ninguém em Amparo, ninguém sabia que ele tinha 11 filhos. Mas daí eu fui lá no cemitério, na Cúria peguei o livro Tombo, de 1917, fui vendo um filho, fui vendo outro, fui à Cúria com a crisma, com os batizados, desculpe, eu fui descobrindo outros filhos. E, enfim, filhos legítimos, 11 filhos. Sendo o Alonso Ferreira de Camargo já era conhecido, que foi combatente. Tem o Laudo Ferreira de Camargo, o João Belarmino de Camargo Júnior, que foi o filho dele, era professor de Aritmética, foi diretor da escola.

MLMC: E o Alonso, que era o pai da Ana Maria Camargo?

AJS: Não, o Laudo. Filha do Laudo Ferreira de Ferreira de Camargo.

AJS: E aí o que aconteceu? Daí, eu falei: - poxa, eu apresentei a proposta, conversamos bastante, falei, eu vou resgatar essa história. Então descobrimos aí os 11 filhos, com a herança histórica da Ana Maria, descobri a foto do João Belarmino de Camargo Júnior, que não tinha no memorial dos diretores da escola, faltava a foto dele. E, também eu fui visitar o túmulo, porque eu tinha ido em 2011, e estava mais ou menos, mas quando eu fui em 2024, eu fiquei muito decepcionado, porque estava totalmente abandonado. E daí, imediatamente, como membro acadêmico da Academia Amparense de Letras, lembrando que o João Belarmino, ele dá um nome à escola, mas ele é um cidadão da história de Amparo, um cidadão de Amparo. Então, imediatamente, eu fui atrás de uma forma até impulsiva, não falei muito com ninguém. Fui lá na... Fui falar na... Marmoraria, um senhor que tem uma empresa de mármore, que foi aluno lá. Fui a uma empresa de construção, que também foi aluno lá, pedi direção do Marmo, pedi o material de construção. Uma outra conhecida, que também gosta de história, me apoiou financeiramente para pagar os pedidos, e em menos de um mês, nós restauramos o túmulo do João Belarmino. E, afinal de contas, ele merece ter um túmulo decente. Da forma que estava abandonado, não podia ficar.

MLMC: É o patrono da nossa escola técnica.

AJS: Eu comuniquei à sociedade, direção, e para todo mundo, que o túmulo estava pronto já. Fizemos a documentação, via Academia, deu tudo certo, ninguém podia falar nada.

AJS: E foi restauro, na verdade. E, ao mesmo tempo, também tinha a foto que eu tinha achado, lá do João Belarmino. E aquele projeto que, inicialmente, seria só um documento, seria uma dissertação sobre a história da escola, acabou virando uma exposição. Criamos vários banners, buscamos peças da escola, em parceria com o Museu Bernardino de Campos, fizemos a exposição no museu, com total apoio do grupo de São Paulo, da Sociedade Amparense. E colocamos na Semana do Aniversário da Escola, 28 de setembro de 2024, e fizemos uma programação. Fizemos a entrega da revitalização do túmulo, como manda o figurino, com toque de silêncio, com tiro de guerra, com representantes da maçonaria, que é a maçonaria que doou o terreno da escola, em 1911, que eles lá estiveram, e ajudaram a patrocinar também a exposição, os banners. Buscamos peças antigas, do centro de memória da escola, e acabamos criando essa programação, que nem prevista estava aquela exposição, a posição do quadro do João Belarmino. Então, foi o que inauguramos a revitalização do túmulo.

MLMC: Então, olha, eu agradeço muitíssimo esse trabalho que você desenvolveu esse ano para o projeto Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica. Eu adoraria ficar conversando com você horas e horas, porque eu acompanhei esse ano o seu trabalho e vi a dedicação, que nós inclusive promovemos uma exposição lá no centro de memória central, com a sua curadoria. E espero que você continue com a gente em todos os próximos anos, com o grupo, com essa mesma vontade, com toda essa capacidade com que você desenvolveu o trabalhou esse ano. Eu vou transcrever essa entrevista, vou lhe mandar o texto, vou mandar também os termos de autorização, para que você, depois que você liberar, para que a gente possa colocar no nosso site de memórias, dentro do programa de História Oral do Centro Paula Souza.

AJS: Eu queria agradecê-la pela oportunidade de manifestar mais uma vez a minha admiração e agradecer também os diretores da escola que fizeram parte da minha vida, o Antônio Lopes Gomes, saudoso, que me acolheu, foi um pai que eu tive lá, a professora Ercília, que depois passou a ser diretora, na verdade, quando ela me chamou, ela era professora, e atuei junto com ela, depois a professora Neuza Zeni Natariani, a professora Creuza Albuquerque, e atualmente a professora Ana Paula Belotto daqui, que deram um total apoio aí para que eu pudesse transformar esses sonhos em realidade. E finalizando, eu acho que o papel nosso é deixar um legado, nós não vamos ser marcados pelo que fomos, mas principalmente por aquilo que deixamos, e espero sinceramente que essa história da nossa escola, tão rica, tão linda, maravilhosa, seja estímulo para aqueles que estão estudando lá, e para que a nossa sociedade possa também continuar dando o valor devido à nossa escola e ao ensino técnico profissionalizantes do Estado de São Paulo. Muito obrigado.

MLMC: Muito obrigada, professor.

Vídeo três: 20 minutos e 38 segundos (segunda entrevista na residência do professor)

MLMC: Boa tarde, professor Alexandre José Silva. Eu agradeço muito, que você está concedendo hoje a continuidade da sua entrevista. Hoje, que é dia 29 de dezembro de 2024, para o Programa “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente” do Centro Paula Souza. Nós te pedimos novamente para você nos conceder essa entrevista, em função das práticas que você, nesses anos todos, vem desenvolvendo, envolvendo a escola com a comunidade aqui de Amparo. Então, que você comentasse conosco para essa entrevista,

depois que você nos conceder a autorização da transcrição, ela vai ficar hospedada no site de Memórias, no link Percurso Histórico.

AJS: Muito joia, né? Na primeira parte, eu estive contando um pouquinho da minha trajetória acadêmica, um pouquinho da minha história, da minha formação e, também do meu vínculo profissional. E ao encontro dessa sua pergunta, na verdade, como eu disse, em função do meu relacionamento com a sociedade, dado esse vínculo que o meu pai possuía e, consequentemente, na cola dele desde criança, passei a me relacionar com diversos segmentos da sociedade. Como eu disse, desde a sétima série, na época, eu já era do Centro Cívico da escola e já organizava campanhas voltadas à distribuição de ovos de Páscoa para as crianças da escola e para crianças carentes. E, também dei sequência a isso, durante os três anos do ensino médio, eu também fazia uma campanha, reunia apoio do comércio e distribuía milhares de ovinhos de Páscoa para crianças na época. É interessante que naquela época eu tinha 14, 15 anos e eu distribuía para crianças de 7, 8, até os 11, 12 anos, até a quinta série na época. E hoje eu reencontro com eles, eu já com 56, eles com 50 anos, 45 anos lembrando daquele ovinho de Páscoa que eu entregava por ocasião da Páscoa e justamente isso mostra que às vezes era algo tão simples, um ovinho pequenininho, mas que o amor que era contido naquela possibilidade ecoava no coração dessas pessoas que jamais esqueceram. Isso mostra e veio dar sequência ao entendimento mesmo de que fazer o bem faz bem.

AJS: E daí terminei o ensino médio, na faculdade também, eu continuei organizando campanhas, participei, passei a fazer parte de entidades, compor diretoria de creches, instituições de caridade aqui da cidade. E tem uma ocasião interessante que em 1991, 1992, 1993, eu fui o Papai Noel oficial de Amparo. Mas como isso? Eu fui trabalhar na prefeitura como Assessor de Imprensa e eu tinha um bugue amarelo. E acabei transformando aquele bugue no trenó do Papai Noel. Então a prefeitura montou umas renas na frente, caixa de som atrás e saía percorrendo as ruas da cidade durante o mês de dezembro, distribuindo aí balas e, também levando presentes para instituições carentes da cidade. Aproveitava aí do ensejo dos dias de 24 para 25 e ia a várias casas de Papai Noel. Então, na verdade, isso nunca saiu de mim e até mesmo em 2024, agora, fazia alguns anos que eu não era Papai Noel, eu fui Papai Noel de novo, levar para crianças órfãos através de uma entidade aqui, me chamaram, eu estava comentando que estava pensando em ser, e de repente eles me chamam. É uma coisa que funciona. Então esse Papai Noel foi algo que ecoou na minha vida. Paralelo a isso, também na escola, em 1989, eu já passei a mobilizar os jovens da escola a participar de

ações sociais. Começamos na Páscoa, no dia da criança, a levar ovos de Páscoa, brinquedos para as crianças carentes.

MLMC: E eram alunos de que turma?

AJS: Isso do ensino técnico mesmo. Do ensino técnico, o pessoal que fazia a Contabilidade, na época que eu comecei a dar aula para esse curso, eu envolvi no primeiro momento só o meu curso. E isso ganhou muita força em 1997, quando então eu fui trabalhar no Centro Paula Souza, como Assistente Técnico de Direção junto ao gabinete da superintendência, e junto com o professor Almério lá na Cetec, com a professora Sônia Lima, Sônia Yamashita de Campos Lima, apresentamos o projeto "Escola e Comunidade, Caminhos para a Participação". Dentro dessa proposta, no âmbito da escola, no âmbito de Amparo, eu criei junto com os alunos o programa *Teens*, o programa Teenager, jovem, na rádio FM aqui da cidade. Eu já tinha programa na rádio desde os 14 anos, esqueci até de comentar anteriormente. Mas daí eu falei: - vou trazer essa experiência minha junto com os alunos. E passei a mobilizar e levar dezenas de alunos para apresentar o programa junto comigo. Isso ficou institucionalizado, saiu o panfleto, saiu na revista do Centro Paula Souza daquela época. E no âmbito estadual, nós criamos dentro desse projeto "Escola e Comunidade, Caminhos para a Participação", o INTERETES, que é o Encontro de Escolas Técnicas, que eu até mencionei na minha fala anterior, em que junto com centenas de estudantes, nós discutimos a qualidade do ensino técnico, apresentávamos sugestões, participávamos de atividades culturais e artísticas. Foi um tempo-áureo aí na minha vida. Então, isso foi muito marcante.

AJS: E um outro fato marcante, também importante, aconteceu em 2006, quando efetivamente, junto com os alunos, criamos o projeto "Coloca o Sorriso no Rosto de uma Criança". E é um projeto que eu desenvolvo até hoje, em 2024. Toda Páscoa, todo dia da Criança, eu mobilizo os alunos que entregam, eu deixo por conta deles, ovos de Páscoa para as crianças carentes, eu consigo juntar o comércio local, lanches, refrigerantes, e nós vamos às creches fazer festas com as crianças. Num primeiro momento, as crianças foram à escola. Nós chegamos a reunir, sem exagero, um ano lá, quase 400, 500 crianças. Ônibus e ônibus de crianças carentes chegando lá. E mais de uma centena de alunos mobilizados.

MLMC: E esses ônibus?

AJS: Não, eu conseguia gratuitamente.

MLMC: Com as empresas ou com a Prefeitura?

AJS: Com as empresas, eu pedia junto às empresas, e elas também já faziam transporte de ônibus de alunos, então não custava para eles colaborar. E junto com os supermercados, eu conseguia lanches, refrigerantes, mobilizei, teve eventos que vieram, shows de São Paulo, teatro, e passávamos um domingo na escola, desde as oito horas da manhã até as cinco horas da tarde, culminando com a distribuição dos ovos de Páscoa, e no dia das crianças, com a distribuição de brinquedos. E arrumavam patrocínio, fazia rifa, e nós entregávamos os brinquedos de qualidade, porque eu entendo também que você não pode dar um brinquedinho, porque é mais humilde do que é carente, então não dá para ser de 1,99 reais. Então dava a bola de verdade, boneca, e passou a ser algo que as crianças, as instituições, ficavam esperando chegar a Páscoa, o dia da criança, para mobilizar. E hoje é um pouco menor, daquela época tivemos um apoio intenso da direção, a participação aqui, hoje é um pouquinho menos, mas jamais, mesmo às vezes nadando contra correntezas, eu não abro mão, de efetivamente envolver os alunos, nós vamos hoje às instituições, levamos o ovo, e nunca, nem numa Páscoa, e nem no dia da Criança, desde 2006, deixou de acontecer.

MLMC: E os alunos são dentro da sua disciplina?

AJS: Sim, porque a minha disciplina é Ética e Cidadania. Então para mim, eu tive, dando entrevista em programas de televisão, contando sobre esse projeto, inclusive sempre a Câmara Municipal dá apoio, manda votos de congratulações, vereadores também participam, independente, é um projeto apartidário, ecumênico, vão grupos católicos, evangélicos, espíritas, participam. E a repercussão no meio da sociedade é muito positiva. Tem instituições que só ganham o nosso ovo.

MLMC: Eu também queria perguntar, como o professor tem um programa de rádio semanal, também é possível comunicar sobre esse evento?

AJS: Sim. Eu até comentei, só finalizando, na televisão, eu falava que solidariedade tem que ser vivenciada. Não adianta falar que ajudou, tem que começar desde o início e participar. Então você vai na captação do apoio, vai em busca do dono de alimento, vai atrás do dinheiro para comprar o brinquedo e tem que ir lá distribuir o brinquedo. Então eu entendo que você só vai se apropriar do verdadeiro significado da solidariedade à medida que você efetivamente participa do processo. Só dar 50 reais, 10 reais, isso não vai tornar você um ser solidário.

MLMC: Então a comunidade participa desse evento, dos doadores com os alunos.

AJS: São convidados, os pais, eventualmente alguns participam juntos, vai na cozinha preparar o lanche. Então é algo bem interativo, em que toda a comunidade participa, não é só o aluno. Porque eu entendo que a comunidade deve efetivamente estar presente na escola, deve participar ativamente, não pode ser algo que... não é uma coisa diferente, não, é tudo junto. E até o processo de educação, para mim, eu acho que deve haver essa conjugação da escola com a educação da família de casa.

MLMC: E a APM é envolvida em alguma forma? Ou são os empresários?

AJS: Não, a gente vai direto mesmo com as entidades, tem, às vezes, e conto com os empresários.

MLMC: É bom que é um trabalho bem social, envolvendo a comunidade local.

AJS: Exatamente. E esses programas de rádio, eu sempre tive, tive um programa "Momento Cidade", Vivendo e Aprendendo, Amor Sem Fim, Fim de Noite, sempre fui atuando nas rádios aqui da cidade. E atualmente tenho o privilégio, há mais de dois anos que nós criamos, junto com o professor Nelson Machado, historiador, membro da Academia de Letras, um programa "Academia de Letras em Foco", que eu sei é a única Academia de Letras que tem um programa numa rádio FM de abrangência, e web mundial. E pega também aqui na região toda, pega em Campinas, é uma rádio muito conceituada, não é comunitária, é uma FM mesmo, da prefeitura. E todas as quintas nós criamos e produzimos e apresentamos esse programa. E justamente ao encontro da sua pergunta, por exemplo, teve um professor que recentemente lançou um livro, ele foi entrevistado, ele foi divulgar o livro, ele cuida pela biblioteca da escola. Já levei alunos lá para participar, para apresentar o programa, para levar conteúdo para nós também.

MLMC: Qual é o nome desse professor que lançou o livro?

AJS: Já vou falando o nome dele já, só que eu vou lembrando, não é só ele, eu levei vários também. Então a gente envolve esse Fernando Pagan, tá ... Fernando Pagan, ele foi meu aluno quando eu tinha 16 anos. Hoje, ele é professor de Língua Portuguesa de várias escolas, da Etec também, ele fez Direito para dar minha disciplina também. E ele é um dos responsáveis pela Biblioteca.

MLMC: Da Biblioteca da Etec João Belarmino?

AJS: Da Etec João Belarmino. Muito entusiasta, organiza vários eventos, ele fez um evento Paulo Freire, muito interessante, envolvendo a comunidade, mostrando quem realmente é Paulo Freire. Às vezes o pessoal não conhece, fala coisas que não deve. O patrono da educação brasileira. E ele leva profissionais também para dar palestras, o próprio Professor Nelson para falar sobre cinema, sobre televisão. Então é algo muito participativo. Ah, até esqueci de dizer que eu também levo meus alunos no tiro de guerra. Junto com os sargentos que passam por aqui, muito receptivos. Eles também conversam com os alunos, apresentando a proposta. É muito interessante. Levo os alunos para conhecer o museu, as exposições, para fazer um centro histórico, conhecer o centro histórico, conhecer o CIne Foto aqui de Amparo, já levei. Então, eu entendo como disse, a escola não deve ficar restrita a quatro paredes. A escola deve ir além. E os próprios pilares da educação também, a gente tem que aprender a conviver. Não adianta só você passar um conteúdo, sendo necessário também compartilhar competências para o aluno, para que ele possa interagir com o meio social.

MLMC: E esses eventos ocorrem durante o período de aula ou final de semana? Como acontecem?

AJS: Durante o período de aula mesmo. Eu levo também muitas palestras na escola, associadas a essa questão cultural, empresarial. Eu procuro aproximar as empresas dos alunos. Também, eventualmente, consigo colocar alunos no mercado de trabalho. Eu peço para eles os currículos também ficar em minhas mãos eventualmente, devido ao relacionamento aí eu, indico. Eu passo a ter um feedback muito positivo das empresas em relação aos alunos que eu acabo indicando. E eu procuro, nas minhas aulas, falar muito com eles sobre isso. Sobre essa importância da network, do marketing, desse vínculo. Porque eu falo: - qual a finalidade de estar fazendo um curso técnico? Se não a inserção no mercado de trabalho. Não é só a questão acadêmica, é conseguir um emprego que dê perspectivas de crescimento. Então, eu também procuro compartilhar isso com eles. Eu falo muito com eles. E junto com a Mari, minha mulher tem toda uma história nessa questão da defesa e da luta pelas mulheres e pessoas com deficiência. Ela participa direto comigo na escola também, levando a eles essas reflexões sobre esses temas. E junto ainda, na aula de Ética, eu também coloco com eles discussões, reflexões sobre bioética, sobre eutanásia, sobre aborto, sobre pena de morte, sobre temas relevantes. Promovendo reflexões e respeitando também a opinião deles. Então, essa é a proposta que a gente procura inserir nas aulas. Por isso que

eu opto sempre com essa disciplina que dá uma liberdade para trabalhar com isso. Não ficar só com respeito a um conteúdo previamente estabelecido.

MLMC: Professor, eu não sei se você teria mais algo a colocar?

AJS: Não. O que eu fico feliz é até com muita humildade, eu digo, mas eu acho que tem que ter um entendimento a respeito disso. Em relação a tudo isso, eu recebi o Super Cap de Ouro, que é um tipo de Oscar brasileiro, em 2000, de mãos da Maria Fernanda Cândido, que foi uma atriz global, lá no Círculo Militar em São Paulo, um evento que reuniu grandes personalidades, e esse trabalho todo ecoou para uma entidade voltada à área de colunismo social, cujos membros que conheciam o meu trabalho me convidaram para receber esse prêmio como destaque na educação. Eu recebi duas vezes, em 2000, e, em 2007. Na época, até estive lá com Antônio Fagundes, com Miguel Falabella, com Tony Ramos, com o Xuxa da natação, Pampa, que faleceu, artistas, esportistas de renome nacional, e a gente lá no meio, recebendo. Outro prêmio, também, em 2005, o VIP Mercosul, também ecoou nessa entidade que acabou me concedendo, e, também foi um motivo de muita alegria, como estímulo também para continuar tudo isso. Em âmbito municipal, em 2014, os vereadores da unidade me deram o título de cidadão benemérito aqui de Amparo. Até, na ocasião, fui o mais jovem a receber esse prêmio.

MLMC: Parabéns, professor!

AJS: E tinha o pessoal bem mais velho, e até eu cheguei e falei que não mereço isso. Não, mas está aí, está comprovado o que você fez. Está aqui, sim. E, na Academia de Letras, eu sou, atualmente, o vice-presidente. Estou lá, também, desde 2002. E já participava indiretamente. A Academia de Letras tem 40 membros. Segue o modelo da Academia Brasileira. Tem a sede própria. Funciona regularmente. Faz eventos na cidade. E, através dela, justamente, que nós organizamos o restauro, a revitalização do túmulo do João Belarmino. E foi primordial na realização do evento realizado em 2024. Da exposição, através da Academia, com a parceria da Loja Maçônica. Nós conseguimos, também, os recursos para poder ter essa exposição que acabou sendo levada para a nossa sede, graças ao seu apoio, também. E espero, sinceramente, que esse estudo, também, seja compartilhado com a sociedade, objetivando, aí, preservar a nossa memória, a nossa história, principalmente dessa que foi a primeira escola técnica no interior do Estado de São Paulo. E que tanta história tem, tanta contribuição tem para São Paulo e para o Brasil.

MLMC: Bom, professor, eu agradeço essa segunda parte da entrevista, complementando a que nós fizemos, no dia 27. Ela será transcrita. Nós vamos, depois de enviar, porque a entrevista é sempre de duas mãos, o senhor é o colaborador na entrevista, para que revise o texto e, depois, esse vídeo, mais o documento de registro da entrevista, vai para o... com a sua autorização, vai para o nosso site de memórias. Muito obrigada.

AJS: Eu fico feliz e agradeço pelo apoio, pelo incentivo e fico feliz pela instituição, pelo Centro Paula Souza, por ter aí uma professora com esse entusiasmo, com esse dinamismo, coordenando essa área de tamanha importância social.

MLMC: Muito obrigada, professor. Boa tarde.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Centro de Memória
Etec João Belarmino
Alexandre José Silva
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Almério Melquíades de Araújo
Laura Laganá
Hersília Cafellfi
Projeto Interetes
Projeto “Escola e Comunidade, Caminhos para a Participação”
Educação Física
Academia Amparense de Letras
Museu Bernardino de Campos

Dados Biográficos do Entrevistado

Alexandre José Silva – Amparense, nasceu em 23 de novembro de 1968. Advogado, foi professor universitário e coordenador das Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas. É professor de Ética na Etec João Belarmino. Por sua atuação no meio educacional recebeu os prêmios Super Cap de Ouro e Vip Mercosul. Em 19 de novembro de 2014, recebeu o título de cidadão benemérito, concedido pela Câmara Municipal de Amparo. É diretor da empresa Vivendo & Aprendendo – Consultoria e Treinamento, e membro da Academia Amparense de Letras, cadeira nº 11, do patrono Francisco Patti. **Fonte:** Academia Brasileira de Letras, Antologia 2018, p. 23, ISBN 978-85-63474-53-7.

Dados Biográficos da Entrevistadora

Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Muselogia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: http://lattes.cnpq.br/2330225376519419 Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Alexandre José Silva

Termo de uso de Imagem de Alexandre José Silva

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Alexandre José Silva